

EDITORIAL

A importância dos estudos epidemiológicos da lepra

Realizou-se em maio do corrente ano, em São Paulo, um simpósio sobre epidemiologia da lepra, promovido pela Associação Brasileira de Leprologia Sociedade Paulista de Leprologia e Faculdade de Higiene e Saúde Pública da Universidade de São Paulo.

Pela primeira vez leprólogos, sanitaristas e técnicos em epidemiologia estatística brasileiros se reuniram com o objetivo de discutir assunto relacionado ao processo de avaliação dos modernos programas de controle da lepra

O interesse despertado pelo simpósio excedeu as expectativas dos seus promotores e, ainda que a exiguidade do tempo só tivesse permitido a discussão de problemas gerais, o fato de ter sido lembrado tal assunto para uma reunião já constituiu um acontecimento significativo.

As transformações verificadas ultimamente na orientação dos programas de lepra são de tal monta, que para o seu controle já não está sendo suficiente a experiência que os leprólogos adquiriram em sanatórios e dispensários especializados. O abandono das práticas de isolamento e a tendência a incorporar a lepra em unidades polivalentes vieram tirar do especialista a inteira responsabilidade pela profilaxia da moléstia e dividí-la com todos os sanitaristas e a classe médica em geral. Os doentes hoje fazem parte da comunidade e os programas de controle da lepra devem incluir a comunidade. Para tanto, aqueles fatores que de algum modo possam estar relacionados à moléstia precisam ser melhor estudados e conhecidos.

Apesar do progresso verificado em muitos setores da leprologia, muito pouco foi acrescentado aos conhecimentos epidemiológicos da moléstia. Acrescenta-se a isso os resultados discordantes de alguns trabalhos devido a não utilização da mesma metodologia, e o fato significativo de que nem todos os Serviços de Lepra realizam a coleta de dados precedida de um planejamento adequado, o que dificulta e até pode invalidar a análise posterior dos resultados, e verificaremos que estamos contribuindo com mais confusão para o terreno já confuso da epidemiologia da lepra.

Indiscutivelmente, os conhecimentos epidemiológicos de uma moléstia devem servir de base para o planejamento do seu programa sanitário. A falta de conhecimentos ou dados falhos podem dar origem a conclusões falsas, as quais por sua vez podem levar a planejamentos em bases errôneas, rajas desastrosas conseqüências podem ser facilmente avaliadas, independentemente dos prejuízos

econômicos que acarretam. Por outro lado, os métodos estatísticos nem sempre são levados em consideração no planejamento de programas de profilaxia da lepra, e assim os resultados desses programas dificilmente podem ser avaliados.

Por esses ponderáveis motivos a Associação Brasileira de Leprologia, cônica da responsabilidade que ao Brasil compete manter no combate à endemia leprótica, programou o referido simpósio, convidando para o mesmo epidemiologistas e bioestatísticos de renome no País.

Os nossos votos são para que os frutos dessa reunião possam ser colhidos dentro em breve. Que todos os Serviços de Lepra considerem como atividades fundamentais e da maior importância para planejamento e avaliação de seus programas, os estudos epidemiológicos, de acôrdo com os princípios recomendados.

J. MARTINS DE BARROS